

Becos da Memória

Conceição Evaristo



Rio de Janeiro • 2021
3ª ed. • 6ª reimpressão

In memoriam

Ao Oswaldo, saudoso companheiro meu, que, compartilhando comigo os cuidados necessários para a sobrevivência de Ainá, nossa filha, minha especial menina, testemunhou a escrita do original de *Becos*. Ele tomou o rumo da derradeira viagem, muito tempo antes de o livro ser editado.

Aos de minha família, tio e tias, ancestrais profundamente inscritos em minha memória:

Tio Oswaldo Catarino Evaristo, dele as minhas primeiras lições de negritude.

Tia Adélia, a que, sonhando ser professora, dizia ter uma escola particular em sua pobre casa.

Velha Lia, minha tia-mãe, a que me criou, mulher de palavra e da palavra, a quem devo tantas histórias.

Laurinda, dessa minha tia, a lembrança do natal mais doce de minha infância. Uma longa bala e uma minúscula maquininha de costura de plástico, presentes enrolados em celofanes coloridos.

DA CONSTRUÇÃO DE BECOS

Novamente entrego *Becos da memória*, agora em sua terceira edição, ao público leitor. É um especial momento. Nessa entrega, um pouco das memórias da construção de *Becos* são ativadas. Como já disse em outras ocasiões, esta narrativa nasceu em 1987/88, sendo, pois, anterior à escrita dos contos e do romance *Ponciá Vicêncio*. Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência*. Arrisco-me a dizer, também, que a origem da narrativa de *Becos da memória* poderia estar localizada em uma espécie de crônica, que escrevi, ainda em 1968. Naquele texto pode ser apreendida a tentativa de descrição da ambiência de uma favela. Nomeei o pequeno escrito com o título de “Samba-favela”. E o que foi apresentado como um exercício de redação à Prof^a Ione Correa (eu ainda estava cursando o antigo ginásial) extrapolou a sala de aula e os muros do colégio. “Samba Favela”, meses depois, apareceu publicado no *Diário Católico de Belo Horizonte* e em uma revista católica do Rio Grande do Sul. Hoje, relendo aquele pequeno texto, vejo que *Becos da me-*

mória, anos e anos depois, retomou e ampliou um desejo e um modo de escrita que se insinuava desde aquela época.

A publicação de *Becos da memória*, por vários motivos, aconteceu depois de ter vindo a público o romance *Ponciá Vicêncio*. Creio mesmo que a aceitação do primeiro romance publicado me deu segurança para desengavetar *Becos*. Em 1988 o livro seria publicado pela Fundação Palmares/Minc, como parte das comemorações do Centenário da Abolição, projeto que não foi levado adiante, acredito que por falta de verbas. Os originais de *Becos da memória*, a partir dessa e de outras frustradas publicações, ficaram esquecidos na gaveta. Entretanto, anos depois, preciso ressaltar, em outra gestão, a mesma instituição se colocou à disposição para retomar o projeto de publicação da obra. Entretanto, o livro já havia se acostumado ao abandono e continuou esquecido na gaveta. E só, quase vinte anos depois de escrito, foi que surgiu a primeira publicação, em 2006. Por isso tudo e por todas as leituras que o texto tem recebido, esta terceira edição de *Becos* marca um momento especial na recepção do livro. Se, nas primeiras buscas por publicação, muitos caminhos foram incertos, ao longo dos anos, passagens mais seguras foram se apresentando.

Se a publicação de *Becos da memória* levou vinte anos para acontecer, o processo de escrita do livro foi rápido, muito rápido. Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação

que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção.

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de *Becos da memória*. Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela, D. Joana, me deu o mote: “Vó Rita dormia embolada com ela.” A voz de minha mãe a me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela, que já não existia mais no momento em que se dava aquela narração. “Vó Rita dormia com ela, Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita dormia embolada com ela...” A entonação da voz de mãe me jogou no passado, me colocando face a face com o meu eu-menina. Fui então para o exercício da escrita. E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova.

Quanto à aparência de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange.

E continuo afirmando que a favela descrita em *Becos da memória* acabou e *acabou*. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções.